

ONTEM USUÁRIOS DE DROGAS, HOJE NEOPENTECOSTAIS: TRATAMENTO ESPIRITUAL, PUBLICIDADE RELIGIOSA E PROFANAÇÕES

Marcos Scarpioni¹

RESUMO: Nesse artigo buscamos compreender as relações estabelecidas entre líderes neopentecostais e dependentes químicos e/ou adictos e as drogas no interior das instituições religiosas através de uma análise fenomenológica, comportamental. Por meio de um conjunto de práticas religiosas (ritos), tais lideranças afirmam promover a restauração total do indivíduo. Sob o arcabouço teórico de Bourdieu (poder simbólico) e Foucault (biopoder), examinamos tais relações e seus benefícios na sociedade contemporânea. Servimo-nos de observações empíricas dos programas televisivos gravados, das práticas religiosas, testemunhos dos ditos “ex-dependentes” em paralelo as intervenções públicas para o tratamento de usuários propostas por órgãos públicos e particulares, bem como, contrariedades, subjetividades e legitimações observáveis. Logo, avaliamos como as práticas religiosas são equiparadas aos procedimentos de um tratamento clínico. Embora os líderes afirmem a recuperação de usuários de drogas, adictos,... que por sua vez, “legitimam” tais afirmações, nesse processo observa-se grande subjetividade e uma tentativa de contestação das ações desenvolvidas por outras instituições seculares (pública e particular) na recuperação do indivíduo. Isso faz-nos refletir sobre, profanações e os posicionamentos divergentes gerados por uma “publicidade religiosa” contrariando o que é previsto na lei 11.343/2006.

Palavras-Chave: Dependentes. Ritos. Legitimação. Neopentecostais.

YESTERDAY DEPENDENTS, TODAY NEOPENTECOSTALS: SPIRITUAL TREATMENT, RELIGIOUS PUBLICITY AND PROFANATIONS

ABSTRACT: In this article we search to understand the relations established between neopentecostals leaders and dependents chemical and/or adicts and the drugs in the interior of the religious institutions, through one analysis fenomenologic, behavior. By means of a set of religious practices (rites), such leaderships affirm to promote the total restauratin of the individual. Under delineatment theoretician of Bourdieu (to be able symbolic) and Foucault (to biopoder), we examine such relations and its benefits in contemporary society. We of empirical comments of the

¹Licenciado e Bacharel em Química, Especialista em MBA em Gestão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável, Especialista em Direito Ambiental e Mestre em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo. Brasil. E-mail: mscarpioni@ig.com.br

recorded televising programs serve the religious practices, testimonies of the said “ex-dependents” in parallel the public interventions for the treatment of users proposals for public and particular agencies as well as, oppositions, subjectivities and legitimations. Soon, we evaluate as the religious practices are matched to the procedures of the one clinical treatment. Although the leaders affirm to recuperation the users of drugs, addicts,... that in turn, “they *legitimize*” such affirmations in this process observe great subjectivity and one attempt of plea of the actions developed for other secular institutions (public and particular) in the recovery of the individual. This makes us to reflect on, profanations, and the divergent positionings generated by a “religious publicity” opposing what it fore is seen in law 11.343/2006.

Key-Words: Dependents. Rites. Legitimation. Neopentecostals.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, a (com)vivência em *comunidades* nos grandes centros urbanos tem se tornado um desafio para muitos, de maneira geral. Esse local de convívio em nosso imaginário como espaço de segurança, onde todos se conhecem e estão prontos a prestarem auxílios uns aos outros de maneira recíproca, tende a deixar de existir. Para Baumann (2003b, p.09) “comunidade é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, ao nosso alcance”, pois “todas são postuladas; mais projetos que realidades” (BAUMANN, 2003a, p. 194).

Nesse contexto, podemos observar como se encaixam os assuntos relacionados diretamente com a segurança pessoal e/ou coletiva, que têm ocupado cada vez mais tempo e destaque nos programas jornalísticos em meio às redes de comunicação televisivas ou radiofônicas, prendendo a atenção da grande massa ávida e receptiva a esses acontecimentos sociais.

A exploração dos problemas sociais em entrevistas ou reportagens difusas mostra-nos um cenário bastante preocupante, fruto (em parte) de uma crise de sentido que envolve as construções sociais de realidades (BERGER; LUCKMANN, 2004; BERGER; LUCKMANN, 2012), existentes em nossa sociedade plural, contemporânea gerando instabilidades em nossa certa ordem social, a qual parece rondar-nos ou estar, muito próxima de todos.

A sensação de insegurança vivida na atualidade nos grandes centros urbanos, em especial, como o de São Paulo, estaria diretamente relacionada às experiências presenciadas de violência contra crianças, adolescentes e jovens-

adultos, principalmente, contra aqueles que estão em maior grau de vulnerabilidade social (SENAD, 2011), ou até mesmo, vivenciada por aqueles que a sofreram de alguma forma. É fato, muitos crimes de roubos, furtos, homicídios, tráfico de drogas, etc., são registrados diariamente nas delegacias das regiões central e periféricas, engrossando estatísticas que subsidiam, muitas vezes, jornalismo sensacionalista que não traduzem as realidades do cotidiano das metrópoles e suas periferias.

Entretanto, não se pode negar que a violência urbana está disseminada em nossas ruas, e de acordo com Ramos; Paiva (2007) “nas últimas décadas, especialmente a partir dos anos 1980, o fenômeno da violência urbana se multiplicou e se tornou mais complexo”. Logo, não se trata só de sensacionalismo, mas, a necessidade de termos mais segurança da coletividade pública, no espaço público.

Em meio ao contexto dessa violência, os dados da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, o uso de substâncias ou produtos capazes de causar dependência - drogas² - vem sendo muito estudado desde algumas décadas passadas e também nesse novo século, inclusive pelo aumento muito significativo nessa última década (SENAD, 2011). O assunto tornou-se o foco principal de várias instituições públicas e particulares que controlam, combatem e se postam como agências de amparo e recuperação daqueles que estão de alguma maneira, propensos ou presos a tal situação.

A dependência química acaba sendo um *mote* disparador ou até mesmo lincado a outros ilícitos, por exemplo: violências no seio familiar, no trânsito e outros crimes contra a dignidade humana, etc., “levando muitas pessoas ao isolamento, à marginalização, à delinquência, fatores que podem até levar a um resultado fatal” (MAGNO, 2006, p.07). Talvez, aí se expõem algumas das grandes motivações para se intensificarem os debates sobre esse assunto por várias instituições seculares e até mesmo no interior das instituições religiosas, sendo, que a atuação dessas últimas, constitui um elemento para nossa pesquisa.

² De acordo com a lei 11.343/2006, em seu art. 1º, parágrafo único, para fins desta Lei, consideram-se como drogas, as substâncias ou os produtos capazes de causar dependência, assim especificados em lei ou relacionados em listas atualizadas periodicamente pelo Poder Executivo da União e também em no art. 66, denominam-se drogas: substâncias entorpecentes, psicotrópicas, precursoras e outras sob controle especial, da Portaria SVS/MS nº 344, de 12 de maio de 1998 (BRASIL, 2006).

Ainda que, contraditoriamente o uso de drogas lícitas permeie certas religiões de matriz cristã³, haja vista, que o consumo de algum tipo de bebida alcoólica no cotidiano dos fiéis é consentido, mesmo que a partir de um conjunto de critérios⁴ estabelecidos pelas próprias instituições e isso não seja propagado pela mídia de massa propositalmente, tal fato, aparenta não servir de impedimento para que muitas dessas instituições evangélicas se postem como defensoras no combate ao uso pesado de drogas em geral.

Cabe ressaltar que, a presença de algum tipo de substância que altere o estado de consciência em determinadas religiões não-cristãs são mais presentes, frequentes, *v.g.*: o chá Ayuasca no Santo Daime. Embora religiosamente reconhecido pelos *insiders*⁵ como algo divino, entretanto, por lei é subentendido como algo profano, secular.

Logo, é nesse cenário perturbador, contraditório, emergente em uma sociedade supermoderna, plural em ideias, secularizada segundo (RIVERA, 2010) que a filantropia desenvolvida por ONGs e/ou por muitas dessas religiões de matriz cristã, se apresentam na grande mídia com as portas abertas para os dependentes químicos e/ou psíquicos, como verdadeiros “dispositivos”⁶ de acordo o pensamento de Giorgio Agamben como explicitaremos ao longo deste trabalho.

É passível de observação que no interior dessas instituições religiosas, possivelmente ocorra uma melhor interação entre membros e (ex)usuários, em um convívio tênue o quê também, indiretamente aparenta criar uma situação favorável à reinserção social daquele que passa buscar a ser regenerado a partir de outra ética, sob uma nova moral.

³Congregação Cristã no Brasil, Testemunhas de Jeová, Mórmons, segundo afirmam alguns membros consultados, não existe proibição, mas, uma orientação quanto ao uso “correto” de bebidas alcoólicas.

⁴Beber com moderação, socialmente e fora dos espaços cúlticos, entre outras recomendações.

⁵Pessoas que frequentam e membros da religião

⁶Um conjunto de práxis, de saberes, de medidas, de instituições cujo objetivo é gerir, governar, controlar e orientar, num sentido que se supõe, útil os gestos e os pensamentos dos homens (AGAMBEN, 2009, p. 39).

Como retrata Baumann (2003b, p. 198) a “comunidade do evangelho comunitário é étnica, ou uma comunidade imaginada no padrão de uma comunidade ética”. Dessa maneira, as instituições religiosas neopentecostais⁷ têm se inserido nesse contexto, em sentido de combate e controle de drogas com propostas de recuperação de dependentes químicos e/ou psíquicos, e nesse aspecto, nenhuma diferença haveria das ações sociais precedidas por outras instituições evangélicas⁸.

Entretanto, ao observamos os discursos e métodos empregados para o enfrentamento da dependência química/psíquica nas igrejas neopentecostais difusas na grande mídia e compará-los com procedimentos de outras instituições pentecostais ou até mesmo em outras instituições evangélicas não-pentecostais, nota-se inúmeras diferenças e/ou discrepâncias, o quê, também em tese, não seria problema. Porém, a apresentação de drogas lícitas e ilícitas no interior dessas instituições nos desperta a atenção, ou seja, a inserção daquilo que é profano no espaço do sagrado. Afinal, existem nessas instituições verdadeiros desafios entre lideranças e dependentes que vão desde “entregar o ministério se isso não mudar”, “comer a bíblia inteira sem água”, “arrancar o espírito a força”, etc. Portanto, intentamos incidir luzes nessas relações.

Diante do exposto, nossa investigação procura analisar os procedimentos realizados em instituições neopentecostais para a recuperação de usuários, dependentes de drogas (lícitas e ilícitas) e adictos em São Paulo, ações constantemente veiculadas nos programas televisivos. Portanto, nosso objeto de pesquisa se pauta compreensão de como estão, ou vão sendo estabelecidas as relações entre lideranças religiosas e usuários de drogas a partir de um conjunto de práticas religiosas que buscam recuperar os indivíduos adsorvidos no “submundo das drogas”, além das relações dos religiosos (lideranças e membresia) com a manipulação de substâncias químicas, tóxicas, proibidas ou até mesmo aquelas liberadas legalmente no interior das igrejas, uma vez que, algumas dessas lideranças afirmam que suas práticas religiosas equiparam-se a um tratamento para usuário ou de (ex)usuários.

⁷O pentecostalismo no Brasil se constitui em fases, e *neopentecostais* seria a denominação para designar a última fase pentecostal, compõe o segmento que expressa problematicamente à adaptação do paradigma pentecostal ao capitalismo tardio, respondendo, paradoxalmente, às suas promessas falidas e adotando seus valores e estratégias constituídas pelo primado do estético (PASSOS, 2005, p. 55).

⁸Igrejas pentecostais, de missão, entre outras.

Sob o arcabouço teórico-filosófico de Michel Foucault - *biopoder* e o *poder simbólico* de Bourdieu - que lançamos luz nessas relações, o que permitiu-nos um recorte da realidade, e assim trazermos como contribuição a reflexão da atuação social dessas instituições na contemporaneidade.

Estudos e/ou estatísticas⁹ apresentadas pelas áreas de segurança pública e de saúde do Estado de São Paulo, vem demonstrando que pessoas envolvidas, afetadas pelo uso das drogas tornando-se dependentes químicos, psíquicos, “têm inúmeras dificuldades para enfrentar o problema, para buscar ajuda, para serem libertos por que as drogas realmente escravizam” (MAGNO, 2006, p. 52). Além disso, muitos testemunhos de ex-dependentes, ao exporem seu histórico de vida que é contado e recontado em grupos de apoio e comunidades de terapia¹⁰, demonstram que não é fácil sair da dependência, para então, e somente, virem a retomar a uma vida “normal” em sociedade. Além disso, as perdas econômicas e sociais tornam-se constantes, influenciando diretamente na exclusão social.

Dessa maneira, temos como perguntas: um ritual ou discursos momentâneos poderiam garantir uma mudança vida dessas pessoas? Se as pessoas são curadas a partir das práticas religiosas difusas pela mídia, ditas, como “eficientes”, por que então os agora “ex-usuários” devem permanecer nessas igrejas recebendo novas orientações e unções dos líderes que ministram tais libertações, recebendo uma contínua “unção ou dito tratamento”?

Outro problema que observamos, é a equiparação das práticas religiosas como práticas terapêuticas de saúde, seja pela medicina tradicional ou alternativa, e em determinadas situações, até tentando sobrepô-las. Também, a “equiparação” das igrejas como possíveis “agências de controle”, que passa a exercer um *biopoder* (FOUCAULT, 2005) uma vez que, a segurança pública não conseguiria controlar efetivamente o uso das drogas, segundo expõe os discursos. Logo, perguntamos, teríamos aí uma tentativa de desarticulação das ações de entidades públicas e privadas que trabalham diretamente nessas questões pela sobreposição das ações religiosas às ações das instituições seculares? Haveria nisto uma perda de sentido e

⁹Difundidas pelas Polícias Militares/Civis, Secretarias de Saúde, Conselhos Municipais de Saúde, Centros de Apoio Psicossocial (CAPS-ad) e outras instituições privadas.

¹⁰AA – Alcoólicos Anônimos, CAPS-Ad – Centros de Apoio Psicossocial aos Alcoólicos e Drogas.

uma perda das fronteiras institucionais que estão cada vez mais móveis, borradas em uma modernidade líquida como expõe Baumann?

Outro aspecto a ser analisado é a apresentação recorrente de drogas lícitas e ilícitas nos programas televisivos, sua manipulação e a reapresentação insistente dessas em frente aos “ditos ex-usuários”, “novos libertos” imediatamente após alguma prática religiosa (rito, discurso), como um teste, prova da efetividade da cura e dessa forma, a presença de drogas no interior dessas instituições. Logo, não se caracterizaria isso como um processo de exposição desnecessária e difusa dessas substâncias de maneira massiva, principalmente para aqueles que em nenhum instante de sua vida presenciaram tal situação anteriormente, gerando assim, ainda que indiretamente primeiro contato com as drogas? Assim seriam éticas tais práticas ou profanações dos espaços sagrados? Outra inquietação seria a quantidade de drogas que aportam nas instituições religiosas e se essas seriam mesmo drogas lícitas ou simulacros?

A mídia televisiva teria compromisso, responsabilidade social em informar a coletividade pública ao exporem essas práticas? Estaria dessa maneira prestando um serviço de utilidade pública ou as práticas religiosas seriam somente uma espécie de publicidade religiosa? Como essas práticas religiosas se enquadram (ou não) nas políticas públicas de combate e controle sobre as drogas?

Finalmente, como essas drogas são tratadas, armazenadas e destinadas depois dos rituais realizados nas reuniões? Como e para onde vão essas substâncias, são descartadas de maneira correta? Afinal, dependendo do descarte, temos impactos e até infrações ambientais ocorrendo, o que gera outra problemática a ser enfrentada em nossa sociedade contemporânea.

Como a cura dos dependentes químicos seria vista por outras instituições de tratamento, controle e combate das drogas, uma vez que, essas últimas passam a ter suas legitimidades confrontadas pelas lideranças religiosas? Afinal, por meio do trabalho de combate ou pela dita recuperação de usuários, estas afirmam fazer aquilo que nenhum tratamento ou instituição convencional conseguiria fazer.

Justificamos nossa abordagem do tema pelo fato de que trabalhar práticas de cura interior no ser humano faz-se pertinente a qualquer tempo cronológico da história, até por que, entender os fatores sociais, econômicos, culturais e mecanismos que podem impulsionar ou induzir ao consumo de drogas no contexto

urbano, pode auxiliar-nos no controle e a redução da violência, o que é algo relevante.

Portanto, torna-se cada vez mais útil criar alternativas para a resolução desse problema social que vem afetando e desestruturando usuários e suas famílias, seja pelas alterações psicossociais ou pela perda progressiva de dignidade humana, afetando direta e indiretamente a coletividade pública, desafiando a ordem social.

Além disso, compreender as diferenças, as nuances das práticas religiosas entre uma e outra instituição religiosa não traria uma melhor abordagem do tema, de maneira plural, mais integradora no combate as drogas como previsto em lei?

Dessa forma, acreditamos que entender como se articulam (ou não) a práticas religiosas, com as instituições públicas (Saúde, Segurança, Educação), Secretarias, Conselhos Municipais, Ongs, entre outras, mediadas pela atuação política dos governos em âmbito federal, estadual e municipal segundo as orientações da Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP), permite-nos refletir sobre novas “realidades culturais” construídas.

Como procedimentos metodológicos para a realização desta investigação, servimos de observações empíricas (GIL, 2004) dos programas televisivos da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) nos canais (16 REDE TV e 176 CNT) e da Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus (IAPTD) no canal (177 RBI), canais fechados de TV à Cabo. Com recurso¹¹ audiovisual paramos em frente ao televisor e gravamos aleatoriamente os programas televisivos dessas igrejas, pelas manhãs, tardes, noites e também em horário diversos nas madrugadas, uma vez que, os programas são distribuídos em determinados horários na grade de programação em cada canal e esses canais subsidiam outras programações independentes em horários comerciais diversos. Optamos por assim proceder para gravar somente os programas em questão.

Os programas foram gravados entre o período de 01.04 à 25.06.2015, alguns programas inteiros ou trechos dos programas sendo contabilizados 76 arquivos, totalizando pouco mais de 10 GB de gravação, com uma grande variedade das práticas religiosas e de testemunhos dos usuários, dependentes de drogas, adictos

¹¹ Tablet Samsung Tab 3 Lite, T-110.

em meio aos frequentadores das reuniões, além de depoimentos de psicólogos e terapeutas.

Desses, selecionamos um conjunto de trechos para análise de seu conteúdo, uma vez que, pelo “discurso, torna [-se] possível tanto à permanência, à continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive” (ORLANDI, 2012).

E finalizamos nossa análise ao compararmos os discursos, práticas religiosas e os resultados “ditos positivos” obtidos pós-ritos com os estudos e relatórios difusos por instituições¹² de saúde pública quanto à recuperação dos dependentes, além dos resultados previstos ou alcançados por instituições seculares, em virtude da realidade social, econômica, cultural de determinados bairros de São Paulo, onde mais precisamente estão fixadas essas instituições religiosas em análise, bem como, onde se concentram um grande número de dependentes, tendo assim, uma maior visibilidade na mídia.

1 NOTA SOBRE O CONTEXTO SOCIAL E AS DROGAS ESPALHADAS PELAS REGIÕES DA CIDADE DE SÃO PAULO

A cidade de São Paulo é uma das grandes metrópoles do Brasil que vem sofrendo aceleradas mudanças sociais, políticas, econômicas, culturais. A região central e os bairros que orbitam em seu redor, guardam uma história de desenvolvimento socioeconômico, urbano e tecnológico por todo o século XX, que continua a existir nesse novo século. Conjuntamente a esse, traz-se mazelas sociais pelas desigualdades, pobreza e deficiências das políticas públicas em atenderem com mais eficiência os mais desfavorecidos, gerando “a exclusão social [que] não é passível de mensuração, mas, [que] pode ser caracterizada por indicadores como a informalidade, a irregularidade, a ilegalidade, a pobreza” (MARICATO, 2003), e também nas oportunidades de trabalho, estudo, moradia, renda, entre outras.

Atualmente, existem espaços geográficos na cidade de São Paulo com expressiva pobreza, aumento da violência em todas as suas formas, injustiças sociais, uma vez que, o Estado e/ou Administração Municipal não estaria(m) sendo

¹² Em clínicas, consultórios, centros especializados, grupos de apoio, etc.

eficiente(s) em solucionar os vários problemas citadinos, como é o caso do uso das drogas na área conhecida pejorativamente por “Cracolândia”.

Esse é um grande problema social entre os vários que temos nos grandes centros e periferias na atualidade, logo, necessitando de uma maior e mais efetiva participação de todos os atores sociais, além dos órgãos públicos/privados para seu enfrentamento, pois, somente:

um trabalho articulado entre diferentes Conselhos, nos Estados e Municípios Brasileiros, integrando em rede as diversas áreas, como Segurança, Educação, Saúde, Direitos Humanos, Assistência Social, Infância e Adolescência, entre outras, [...] [permitindo] por meio da troca de saberes, conhecer melhor a realidade local e planejar ações Inter setoriais. Essa articulação efetiva garante a verdadeira intervenção na prevenção do uso de drogas e fortalece a comunidade para a transformação da realidade (SENAD, 2011, p.08).

O uso pesado das drogas está ligado (direta ou indiretamente) a outras mazelas sociais, embora, não seja “o único fator causal [...] [mas] sempre estiveram presentes na história da humanidade” (BUCHER; OLIVEIRA, 1994, p. 142).

Refletindo sobre alguns desses fatores, conforme os dados da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) houve um aumento no número de moradores de rua da cidade de São Paulo em 2015. Esse número “cresceu 10% nos últimos quatro anos e chegou a 15.905”. O último censo, realizado em 2011, apontava 14.478 pessoas pelas ruas de toda a cidade.

Somam-se a esses dados, o aumento do desemprego, a falta de oportunidade de aquisição da casa própria pela falta de política habitacional nos bairros no entorno do centro velho, gerando consecutivamente ainda mais as desigualdades sociais, aumentando o fosso que tem crescido nos últimos anos, expondo os indivíduos a situações de alta vulnerabilidade social e socioambiental conforme demonstram Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (SEADE, 2010). Fatores sociais que combinados, podem sim motivar as pessoas ao uso das drogas de maneira progressiva, levando-a consecutivamente a dependência química e psíquica.

Porém, não são só moradores de rua, pobres que se encontram suscetíveis às drogas, a que serem contabilizados os diversos usuários que se espalham pelos condomínios de luxo, que frequentam estabelecimentos acadêmicos, artísticos e de

lazer, e que, portanto, são possuidores de capitais econômico e cultural, participantes das classes sociais mais abastadas. Inclusive os que afirmam possuir algum tipo de religião, mas, que por algum fator ou motivo: curiosidades, fantasias, desilusões, terminam suas esperanças com o consumo de drogas. Não se esquecendo de minorias, como povos indígenas que no convívio urbano, tornam-se vulneráveis a essas situações.

Dessa maneira, tipificam-se como as mais propensas ao uso de drogas aquelas que de acordo Rodrigues (2001, p. 40) “não possuem informações sobre os efeitos das drogas, com saúde deficiente, insatisfeitas com sua qualidade de vida, com personalidade deficientemente integrada e com fácil acesso as drogas”. Ademais, para Magno (2006, p.22) “o ser humano tem um cérebro que busca prazer imediato o tempo todo, seja por meio de drogas, sexo, consumismo [...]”.

Em nossas sociedades contemporâneas, segundo dados da Senad (2011, p.96) a grande maioria da população em geral faz uso de algum tipo de substância lícita, como álcool, tabaco e medicamentos com finalidades diferentes (aliviar a dor; baixar a ansiedade; reduzir a sensação de cansaço, de depressão; obter prazer; entre outras). E mais, “das substâncias de uso ilícito, a maconha, a cocaína e os solventes [...] [seriam] as mais utilizadas”.

Focado nessas transformações comportamentais dos indivíduos que se intensificam e redundam em problemas de saúde e segurança, conseqüentemente atingindo toda coletividade pública, é que o Governo Federal instituiu Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – SISNAD, o qual: “*prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; [e] estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas e define crimes*” (BRASIL, 2006).

Portanto, evidencia-se que o problema do uso de drogas, deixou de ser tratado enfaticamente sob a responsabilidade da repressão, ganhando outros enfoques sob a ótica de saúde pública, de educação, visando dessa forma, o tratamento e a reinserção de ex-usuários em sociedade. De acordo com a Secretaria Nacional de Segurança Pública:

O Brasil, seguindo tendência mundial, entendeu que usuários e dependentes não devem ser penalizados pela justiça com a privação de liberdade. Essa abordagem em relação ao porte de drogas para uso

pessoal tem sido apoiada por especialistas que apontam resultados consistentes de estudos, nos quais: a atenção ao usuário/dependente deve ser voltada ao oferecimento de oportunidade de reflexão sobre o próprio consumo, ao invés de encarceramento (SENASP, 2015).

O problema das drogas é um fato social de conflito e segundo Campos (2005, p. 41) “os fatos sociais conflitivos devem ser analisados nos seus amplos espectros, em uma visão multilateral e com seus efeitos universais”, portanto, não mais sobre o domínio repressor, punitivo e pelo panóptico¹³ existente nas instituições prisionais e de saúde.

Sob esta visão e pautada na lei 11.343/2006, as instituições seculares e religiosas encontram o devido amparo legal para atuarem nessa questão, inclusive, podendo receber recursos financeiros para tal assistencialismo, pois, de acordo com o art. 5º e art. 68º da lei:

Art. 5. As instituições da sociedade civil, sem fins lucrativos, com atuação nas áreas da atenção à saúde e da assistência social, que atendam usuários ou dependentes de drogas poderão receber recursos do Funad, condicionados à sua disponibilidade orçamentária e financeira (BRASIL, 2006). Art. 68. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios poderão criar estímulos fiscais e outros, destinados às pessoas físicas e jurídicas que colaborem na prevenção do uso indevido de drogas, atenção e reinserção social de usuários e dependentes e na repressão da produção não autorizada e do tráfico ilícito de drogas (BRASIL, 2006).

Dessa maneira, a difusão das práticas religiosas no combate as drogas, pode perfeitamente estar diretamente ligada às fissuras nos muros de proteção das instituições, nas fronteiras, algo “trivial com o aparecimento dos mecanismos de transporte e os portadores de informação alternativa” (BAUMANN, 2003b, p. 18), especialmente por aqueles que as propagam pelas redes televisivas.

¹³Sistema de vigilância criado por Bentham, descrito por Michel Foucault (2007a), utilizado em prisões, hospitais, fábricas, entre outras situações cotidianas de nossa sociedade contemporânea, por exemplo: as câmeras nas vias, praças.

2 DEPENDENTES – UM NICHU DE OPORTUNIDADES PARA ATUAÇÃO DAS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS

Na atualidade, especialistas das diversas áreas de saúde, segurança, educação, constataam a importância das religiões na recuperação dos indivíduos acometidos por o uso de algum tipo de drogas. Segundo Sanchez; Nappo (2007), a “religião vem sendo claramente identificada como um fator protetor ao uso de drogas”, e “preponderante na prevenção” (MAGNO, 2006, p.51). Embora, essas afirmações suscitem divergências, na atualidade:

[...] estudos científicos publicados em revistas indexadas apontam para o papel fundamental da religiosidade, principalmente no tratamento de doenças crônicas e severas. Os pacientes são beneficiados pela prática religiosa, em especial nos períodos que estão sujeitos a mudanças sociais e psicológicas estressantes [...] Dentro desse perfil, encontram-se os dependentes de drogas que, por serem portadores de patologia crônica, vivenciam momentos estressantes e traumáticos ao longo do seu processo de recuperação (SANCHEZ; NAPPO, 2007).

Tanto as igrejas pentecostais e (neo)pentecostais¹⁴ demonstram boa receptividade dos usuários, dependentes, adictos e seus familiares. Quando passam a frequentar as reuniões acabam recebendo algum tipo de acolhimento, afeto, orientações, aconselhamentos, um ganho de capital social que dá suporte para a mudança comportamental. Logo, essas instituições atuam de maneira mais direta em alguns casos e indiretas em outros, contribuindo de certa forma para a amenização progressiva da dependência química e psíquica, de forma assistencialista.

Baumann (2003a, p.196) afirma que homens e mulheres procuram grupos de que possam fazer parte, com certeza e para sempre, num mundo em que tudo o mais se desloca e muda e assim nada mais é certo. Por isso, “ir à religião [neopentecostal] à procura de socorro mágico-religioso virou prática comum em qualquer lugar de nosso país, ainda que escondida, nas diferentes classes sociais” (PRANDI, 1996). E mais,

¹⁴Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus, citando somente as que foram trabalhadas na pesquisa. Entretanto, o acolhimento de usuários de drogas aparenta estar consolidado em outras igrejas, em outras religiões que não e somente neopentecostais.

Nesse amálgama de religião com magia estrita foram se agregando crenças, tradições, invenções e práticas não racionais de todo tipo e origem, formando-se um enorme elenco de métodos oraculares, de intervenção e cura, de solução para todas as aflições, ao qual se tem acesso diretamente, ou pela compra do serviço específico, aliás, devidamente anunciado e propagandeado, ou pela adesão religiosa [...] (PRANDI, 1996, p.68).

Para o pesquisador João B. Botelho, as igrejas neopentecostais têm se tornado mais atraente do público em geral, e também, daqueles que estão à margem da sociedade. Nota-se que, a mídia televisiva torna-se a principal fonte estratégica para difusão de todas essas ações religiosas, uma vez que:

divulgam mensagens mais sedutoras promovendo as sessões de curas e catarses ao som dos cânticos de louvor entoados por milhares de fiéis. Com essa estratégia, penetram com maior facilidade na vontade popular e ocupam os espaços sociopolíticos nascidos do desencanto, da insatisfação e da miséria. Os [...] atuais neopentecostais, continuam agentes de coesão social ao aperfeiçoarem o trato com o sagrado objetivando o poder político (BOTELHO, 2013, p.4).

Assim, seriam nesses espaços simbólicos (BOURDIEU, 2004), que se tornam comunidades de vida e de sentido para aqueles que ali frequentam, onde lhes são oferecidos um sentido a toda conduta de vida, e é esse sentido que aparentemente “dirige o agir de todo o indivíduo na maioria das áreas da vida cotidiana” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 34-35).

Portanto, o compartilhar de experiências individuais no coletivo é um aspecto que permite a adesão dos usuários de drogas, dependentes e adictos nessas instituições. Afinal, a confissão não é mais secreta, ganhasse mais que conforto da absolvição nesses espaços: não é preciso mais se sentir envergonhado ou temeroso de ser desprezado, condenado por impudência conforme afirma (BAUMANN, 2003a, p. 82). Assim, a confissão segundo Agambem (2009, p. 47) é “dispositivo penitencial no qual um novo Eu se constitui por negação e, ao mesmo tempo, assunção do velho”.

Cabe ressaltar que não são em todas as igrejas neopentecostais que ocorrem as práticas religiosas para a recuperação de usuários, dependentes e adictos. Tais práticas religiosas ocorrem somente nas igrejas sedes: Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), localizada na Av. João Dias, nº 1800, Santo Amaro na zona Sul de São Paulo e também, na Av Celso Garcia nº 699 no Brás-SP. Nessas regiões, bem

próximo as sedes das igrejas, estão localizadas áreas periféricas com muita pobreza contrastando com os bairros mais ricos economicamente. Nessa instituição, o principal líder das práticas religiosas em foco é o Bispo Rogério Formigoni, o qual apresenta e afirma em seu Livro “A Última Pedra” que Vício tem Cura, aliás, esse é um jargão utilizado em todos os seus programas.

Já no caso da Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus (IAPTD), tais práticas ocorrem na igreja sede localizada na Av. Celso Garcia, nº 899, Brás – SP, sob a liderança do Apóstolo Agenor Duque, sendo realizada por meio da Campanha de Manassés e Efraim, com a entrega de “lenços¹⁵ ungidos” e a oferta do livro “Mente - Campo de Batalhas”, o qual é constantemente apresentado em intervalos de reuniões como uma fonte de saber sobre as lutas espirituais e como enfrentá-las. Cabe ressaltar, que nessa região, em horários noturnos, pela pouca movimentação de pessoas e pelo pouco policiamento ostensivo, constata-se a presença de usuários e dependentes químicos.

3 SUBSTÂNCIAS (I)LÍCITAS, LINGUAGEM E RITUAIS NOS ESPAÇOS SAGRADOS

Na análise dos programas, os termos: drogas, usuário, dependente químico e psíquico, adictos, explicitados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (SENAD, 2011) são recorrentes nos discursos das lideranças e testemunhos daqueles que se submetem a essas experiências religiosas.

Além disso, é possível notar o uso de outros termos originados no mundo profano, marginalizado das drogas, de maneira muito natural e recorrente, ou seja, uma linguagem própria entre os dependentes, mas, que agora permeia assim o âmbito religioso. Segundo Orlandi (2012) a linguagem traz mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social, logo, se justificaria aí o uso dessa linguagem pelas lideranças que se beneficiam com um esse novo discurso.

¹⁵ Lenços brancos com escritas azuis, evoluindo para lenços vermelhos com escritas pretas.

Somente para citar alguns termos como exemplo: biqueira¹⁶, nóia¹⁷, pino¹⁸, tiro¹⁹, fissura²⁰, pedra²¹, pó²², lança²³, e farinha, entre outras. Também, pode-se citar as drogas lícitas que são muito comuns nas falas dos usuários e lideranças como: cigarro, pinga, cachaça, conhaque, uísque, vodka, além de energéticos. E entre as drogas ilícitas estão: a maconha, cocaína, crack. Curiosamente as drogas lícitas são as mais utilizadas pela população de maneira geral e pelos dependentes químicos conforme descrito em estudos realizados pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD, 2011).

Para Bourdieu (2004, p. 149) no “próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos - linguagem, mito, etc. [também emergem] estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações”.

Mas, não é só a linguagem que está presente nessas igrejas, também a apresentação das drogas propriamente ditas. Pois, as lideranças das duas instituições apresentam cigarros, bebidas alcoólicas e o mais comum, invólucros plásticos com um pó branco que quando apresentado ao usuário/dependente, o mesmo confirma ser cocaína. Inclusive, em dois casos muito peculiares exibidos nos programas da IAPTD e da IURD, bebidas alcoólicas são apresentadas insistentemente aos “ex-dependentes” após os rituais.

Na primeira igreja, o apóstolo Agenor Duque escolhe e pede que um dos frequentadores da reunião busque uma bebida alcoólica em um bar próximo a igreja, para fazer um desafio com um “alcoólatra”. Após alguns minutos, o mesmo retorna ao culto com uma pequena garrafa plástica de água mineral contendo um pouco de líquido de cor amarelo citrino afirmando que teria comprado uísque. Porém, essa bebida quando apresentada ao usuário, o mesmo ao sentir o cheiro daquilo que lhe foi apresentado, fala: *“isso aí um conhaque vagabundo!”*

¹⁶ Local onde estão escondidas as drogas e os traficantes. Também é o local aonde chega e se distribui as drogas através da comercialização.

¹⁷ Estado de consciência alterado pelo uso da droga, com episódios de perseguição, alucinações, etc.

¹⁸ Invólucro (Eppendorf) utilizado em laboratórios de análises microbiológicas, mas, que passou a ser utilizado para transporte e distribuição de droga (cocaína)

¹⁹ Prática de aspiração de cocaína que está posicionada em fileiras.

²⁰ Vontade incontrollável de usar algum tipo de droga.

²¹ Fração, naco de crack, derivado da cocaína (RODRIGUES, 2001, p.63).

²² Cocaína

²³ Lança perfume

Na segunda igreja, o bispo Rogério Formigoni, apresenta uma lata com o rótulo encoberto para um “ex-dependente” afirmando que é cerveja, o qual também confirma que é mesmo cerveja. Observe nas imagens abaixo:

Imagem 1 – Reapresentação da droga lícita ao dito “ex-usuário” logo após o ritual



Imagem 2 – Reapresentação da droga lícita ao dito “ex-usuário” logo após o ritual



Fonte: imagens extraídas dos programas das igrejas IAPTD e IURD gravadas em Abr./Maio/2015.

Em outra situação, o apóstolo pede que uma mulher acenda e fume um cigarro na frente de toda a congregação para certificar que ela tem o vício, além de, apresentar na televisão um “pino de cocaína” que é logo em seguida reapresentado ao ex-viciado após o ritual por esse recebido - a unção de Manassés. As imagens que expõe essas situações seguem abaixo:

Imagem 3 – Apresentação do “pino de cocaína”



Imagem 4 – Mulher fuma em reunião para demonstrar seu vício.



Fonte: imagens extraídas dos programas da IAPTD gravados em Abril/2015.

Em nossa análise, entendemos que o ritual realizado na IAPTD é muito similar a um processo de hipnose. Aliás, esse é um procedimento alternativo que tem sido bastante difundido e utilizado para o tratamento de indivíduos com vícios.

De acordo com o psicoterapeuta Luiz Carlos Crozera “para conseguir chegar até as verdadeiras ‘causas’ do vício, existe um único caminho: o da hipnose clínica [...]”. E mais:

[...] para efetivamente solucionar ou amenizar enormemente o problema da drogadição, até mesmo de forma preventiva, [a eficiência] está no bloqueio dos registros mentais instalados na mente do dependente, tratando efetivamente as ‘causas’ da droga dependência, ao mesmo tempo instalando na memória registros que geram aversão direta da droga utilizada, para mudança de comportamento e atitudes, assim como criar mecanismos no sentido de desviar da vontade, evitando a busca pelas drogas e as crises de abstinências, elevando a autoestima que tem relação direta com a imunologia do organismo [...] (CROZERA, 2013).

Na IAPTD, como dito anteriormente, existe uma campanha para aqueles que são viciados em bebida alcoólica, cigarro, cocaína, crack, maconha, jogos de azar, entre outros vícios, na qual se afirma que as pessoas serão libertas do vício e de todo o passado de sofrimento em um abrir e fechar de olhos conforme a publicidade produzida pela própria instituição e veiculada constantemente no canal 177.

O ritual desenvolvido nessa campanha, como já citado anteriormente, pode ser comparado à hipnose pela sequência de ritos, músicas de fundo e testemunhos dos ditos “ex-usuários”, como descreveremos na sequência. O início do ritual se dá com a chamada de um pequeno grupo de pessoas com algum tipo de vício que venham à frente no altar. Em seguida são feitas perguntas uma a uma: você é viciado em quê? Entrevistada, uma dessas pessoas afirma que é viciada em cocaína e quer deixar o vício das drogas. Na sequência é colocado um fino lenço branco ou vermelho sobre a cabeça, o qual cobre todo o rosto de cada um dos indivíduos já perfilados, e colocando a mão sobre a face de cada um sequencialmente, começa o seguinte discurso literal:

Deus poderoso, revestido do dom de milagre e operação de maravilhas, eu ministro sobre eles o milagre de Manassés! No milagre de Manassés, Deus mata o vício. No milagre de Manassés, Deus apaga da memória da pessoa que ela foi viciada. No milagre de Manassés, Deus mata da memória da pessoa que um dia ela foi viciada. No milagre de Manassés, Deus põe nojo e põe também ânsia de vômito. No milagre de Manassés, Deus apaga da mente da pessoa que ela um dia foi viciada, Deus põe nojo, ânsia de vômito e faz esquecer que ela um dia foi viciada. Deus mata da mente dela, Deus faz ela esquecer, Deus apaga da mente, apaga da memória. Manassés que dizer Deus apagou da minha memória o meu passado de sofrimento. No milagre de Manassés, Deus faz a pessoa esquecer os anos de sofrimento que ela viveu. No milagre de

Manassés, Deus tira e põe ânsia de vômito ao sentir o cheiro do crack, do cigarro, a pessoa esquece foi viciada. No milagre de Manassés, a pessoa é liberta, Deus mata, Deus apaga, põe nojo e ânsia de vômito. No milagre de Manassés, a pessoa é livre, é liberta. No milagre de Manassés um, (assoprão na face da pessoa), Deus apaga da memória. No milagre de Manassés dois, a pessoa esquece que foi viciada (assoprão na face da pessoa). No milagre de Manassés três, Deus põe nojo e ânsia de vômito (assoprão na face da pessoa). No milagre de Manassés quatro, a pessoa é livre, liberta e pega nojo do cigarro e do vício (assoprão na face da pessoa). No milagre de Manassés cinco, Deus tira da memória, da mente da pessoa que ela foi viciada (assoprão na face da pessoa assoprão na face da pessoa). No milagre de Manassés seis, a pessoa esquece do vício, pega nojo e ânsia de vômito (assoprão na face da pessoa). No milagre de Manassés sete, Deus apagou da minha memória o meu passado de sofrimento (assoprão na face da pessoa). Finalizando o ritual o líder asperge água na cabeça das pessoas com um borrifador dizendo: Deus faz esquece que a pessoa foi viciada, pessoa sente ânsia de vômito e nojo. Aponte a mão pra cá amada igreja. Tirem o lenço deles. (Agenor Duque, prática religiosa gravada em 24.04.2015, grifo nosso).

Em continuidade, o líder escolhe um dos participantes²⁴ de maneira bem objetiva (aquele entrevistado anteriormente), e estabelece um diálogo com este:

- Seu nome? (AD)²⁵
- Anderson (p)²⁶
- Anderson, é se tem algum vício? (AD)
- Nunca! (p)
- Eu pensei..., eu pensei que cê cheirava cocaína? (AD)
- Não,... (p)
- **Tem um negócio aqui oh! que entregaram aqui oh! um pino de cocaína cadê?** alguma pessoa aqui, alguém acho que, vem cá Anderson, vem cá, uma pessoa entregou isso aqui óh, quem é a esposa sua taí ou não? (AD)
- Tá! (p)
- Cadê ela? (AD)
- É Ângela (p)
- Ângela, taí ou não? (AD)
- Isso aqui, falaram que é seu oh! (AD)
- É meu não! (p)
- É (AD)
- É meu não! (p)
- Não é dele igreja? Não é dele igreja? (AD)
- Não é meu não! (p)
- É (AD)
- Não é não! (p)
- Se nunca usou isso aqui? (AD)
- Nunca! (p)
- Fala a verdade. (AD)
- Tô falano! (p)
- Nunca chero isso aqui? (AD)

²⁴ Sr. que atende pelo nome de Anderson e sua companheira Ângela

²⁵ (Ap) significa Apóstolo

²⁶ (p) participante da reunião o reconhecido como dependente químico e livre das drogas depois do ritual.

- *Nunca! (p)*
- *Fala a verdade? (AD)*
- *Tô falano! (p)*
- *Dá pra levantar a mão aí e dá um glória?*
(trecho do diálogo extraído do programa gravado em 24.04.2015).

Esse é um instante de grande emoção para aqueles que estão na igreja, pois, constitui-se a catarse individual e coletiva na reunião cúllica. Em seguida, chama a dita esposa (Ângela) do mesmo para confirmar que seu companheiro seria usuário de drogas, a qual confirma que o mesmo é (ou era) usuário de drogas, porém, o mesmo agora afirma que não, e novamente sua esposa reafirma que sim e que também sofre com o esse mesmo problema, tendo brigas cotidianas por causa disso.

Então, ela é submetida à mesma prática religiosa. Logo em seguida a prática, lhe é perguntado pelo apóstolo se ela o ama seu companheiro? ela diz que sim! Se existe brigas entre eles? Brigas, Não! Não! e afirma: “só falta a gente casar! Nesse instante o apóstolo Agenor novamente se dirige a todos e diz: Dá pra dá um glória aí amada igreja, finalizando o ritual com glossolalia, sobe forte emoção.

Em outro ritual gravado, dessa vez na IURD, sob a ministração do Bispo Rogério Formigoni, tem-se inicialmente um diálogo entre liderança e o dependente químico e psíquico:

- **Você está no vício à quanto tempo? (Bp)²⁷**
- Ah..., 23 anos. (p)²⁸
- *Vinte três anos, o que você já perdeu no vício? (Bp)*
- *Perdi minha esposa, dignidade, confiança das pessoas, carro e moto mais não que eu vendi pra usa, tipo deixa vai estragando, documento vencido até que fui vê valia mixaria e eu não consegui arrumá. (p)*
- *Perdeu dignidade, esposa, perdeu os bens, a vida só desceu nesses 22 anos? (Bp)*
- *Só desceu, com certeza! (p)*
- *Só sofrimento? (Bp)*
- *Só sofrimento! (p)*
- **Hoje é o seu primeiro dia aqui no tratamento? (Bp)**
- **Primeiro dia. (p)**
- **Olha só, presta atenção, quem coloco cocaína pra você cheirar pela primeira vez? (Bp)**
- **Um rapaz chamado Rogério Formigoni (p) (risadas)**
- **Fui eu que botei pra você cheirar a primeira vez? (Bp)**
- **Sim! (p)**

²⁷ (Bp) Bispo

²⁸ (p) participante da reunião o reconhecido como dependente químico e livre das drogas depois do ritual.

- *Depois eu vendia pra você? (Bp)*
- *vendia! (p)*
- *lembro que cê começo, vendia troxinha de geladinho, gelinho, saquinho pegava, eu arrematava tudo, não deixava ele vende, pegava tudo pra mim, lembra disso né?*
- ***A gente fumô muito, e chero muito? (Bp)***
- ***Muito! (p)***
- ***Primeira vez que você tomou chá de cogumelo quem tava lá? (Bp)***
- ***Eu, você e mais uns amigos nossos! (p)***
- *Você está a 22 anos nos vícios, eu tô a 20 anos curado, só que ele continuou no vício. (Bp)*
- *E tem a mesma idade. (p)*
- *Ãh? (Bp)*
- *A gente tem a mesma idade. (p)*
- *O vício da cocaína entro porque eu apresentei a cocaína pra ele, hoje eu vô apresenta pra ele a cura, amém! (Bp) (palmas na igreja)*
- *Se a partir de hoje, Marcel você não vê uma diferença na tua vida eu vô come a bíblia na tua frente sem água! Que a gente usava droga junto! (p)*
(Rogério Formigoni, prática religiosa gravada no dia 26.04.2015).

A partir desse momento, inicia-se a prática religiosa pela liderança para recuperação do dependente. Um invólucro plástico cheio de uma substância branca em pó é apresentada ao usuário, e lhe é pedido que este sinta o cheiro, o qual rapidamente confirma que é cocaína. Novamente, se estabelece um novo diálogo:

- *Você, você chegou a que ponto, você tava cheirando esses dias, cê cheirava quantos pinos desses? (Bp)*
- *50, cheio! Se tinha isso aí, assim, eu usava inda. Cheio desse, 50 pino por dia! (p)*
- *Você sente o cheiro aqui da vontade, dá vontade de cheirar? (Bp) (oferece a droga)*
- *Dá vontade de cheirar? (Bp)*
- *Dá! (p)*
- *Muita vontade? (Bp)*
- *Um pouco hein! Até a boca! Hum! (p)*
- *Enche a boca de água? Sente o cheiro! (Bp)*
- *Hum é sim! (p)*
- *Cadê sua mão? Tá tremeno ãh? Segura aqui. (Bp).*

Então, colocando a mão sobre a cabeça do usuário, o bispo faz a seguinte oração:

Espírito do vício que age na mente dele, no corpo dele, que entro na vida dele por que eu apresentei a cocaína pra ele, espírito que dominou a vida dele durante todos esses anos acabou! Acabou a tua festa, o teu reinado na vida dele, no nome de Jesus SA!!!! Seja curado, seja livre no nome de Jesus! (bispo Rogério Formigoni).

Logo após essa prática religiosa, a oração, o diálogo é restabelecido, por que o usuário comenta algo, conforme descrito abaixo:

- *Quê? (Bp)*
- *Nossa que mal estar! Com sinceridade! (p)*
- *O quê? Sentiu o quê agora? (Bp)*
- *Um alívio, que meu Deus do céu! (p)*
- *Tava pesado? (Bp)*
- *Pesado (p)*
- *E agora? (Bp)*
- *Eu num vô consegui isso aqui não hein cara! Sinceridade! (p)*
- *Tá sentindo leve? ãh? (Bp)*
- *Outra coisa! (p)*
- *Pera aí que a gente não terminou ainda não. Sente o cheiro aqui agora. (Bp)*
- *Tô sentindo o cheiro mas..., (p)*
- *Deu vontade? (Bp)*
- *Passo, tá fraco! (p)*
- *Nada! (Bp)*
- *A primeira vez que eu cherei tá um cheiro forte do caramba, não tá cheirando mais forte! Sinceridade! (p)*
- *Tá se sentindo leve? (Bp)*
- *Leve! (p)*
- *A partir de hoje você tá livre! Seja curado em nome de Jesus! Deus te abençoe! (Bp) (Rogério Formigoni, prática religiosa gravada no dia 26.04.2015).*

Ao término dessas práticas, os agora “ex-dependentes”, ex-usuários, dizem que pegaram nojo, sentem ânsia de vômito, mal estar total quando lhes é rerepresentado as drogas. Nota-se que, nessa prática religiosa de cura existe uma ressignificação das drogas que passam a ser algo repugnante que causam nojo e ânsia de vômito, deixando de ser algo prazeroso para o usuário, passando a ser uma ferramenta do trabalho religioso, a qual se usa para se fazer testes, provas e legitimações.

Ainda, a vontade, o desejo do indivíduo em consumir drogas não vem dos mesmos, mas, da vontade de um “espírito maligno” que age sobre suas mentes. Segundo Passos (2005, p. 77) “a doença [assim] está associada à atração ou manipulação de forças sobrenaturais sobre a pessoa”. Oração e os demais ritos que se seguem, ganham a conotação de um tratamento, aliás, tratamento terapêutico, clínico, por se tratar de “cura física” e psíquica.

Imagem 5 – Reapresentação da droga ao “ex-usuário”



Imagem 6 – Reapresentação da droga ao “ex-usuário”



Fonte: Fotos extraídas dos programas da IURD gravados em Abril/Maio de 2015.

Embora as práticas sejam distintas, pode-se observar tanto na primeira quanto na segunda, que o poder simbólico descrito por Bourdieu (2009) é exercido sobre as pessoas que estão sob a experiência do ritual, bem como aquelas que assistem a tudo de perto, e legitimam toda a ação mágico-religiosa.

Nisto, é possível reconhecer que tais práticas religiosas, transformam-se assim como afirma Baumann:

em espetáculos [que] tomam o lugar da supervisão sem perder o poder disciplinador. A obediência aos padrões (uma maleável e estranhamente ajustável obediência a padrões eminentemente flexíveis, acrescento) tende a ser alcançada hoje em dia pela tentação e sedução e não mais pela coerção – e aparece sob o disfarce do livre-arbítrio, em vez de revelar-se como força externa (BAUMANN, 2003, p. 101).

Nota-se que esse é um poder que pode ser expandido e aplicado globalmente à população, à vida e aos vivos, como biopoder (FOUCAULT, 2005, p. 329), uma vez que, o usuário, dependente, adicto seja qual for sua situação, passa a ser observado em um novo panóptico “invertido” se assim podemos compreender, já que o sujeito está agora sob o olhar atento de muitos. Entretanto, utilizando um raciocínio de Baumann, é possível dizer que os ritos:

mais se comparam à programas de entrevistas nos programas de entrevistas, palavras e frases que se referem à experiências consideradas íntimas e, portanto, inadequadas como tema de conversa que são pronunciadas em público – para aprovação, divertimento e aplauso. [...] até certo ponto são rituais de exorcismo – e muito eficazes [...] Como minha confissão não é mais secreta, ganho mais do que absolvição: não preciso mais me sentir envergonhado ou temeroso de ser desprezado, condenado por imprudência ou relegado ao ostracismo (BAUMANN, 2003a, p. 82).

Embora estigmatizado pela sociedade pelo peso de suas ações desviantes diante dos humanos, porém, em uma catarse, agora livre pela sua confissão espontânea, redimido por ter recebido sua cura eficaz, todavia, sendo mantido e observado sob o olhar de um coletivo religioso.

Agora, o usuário é um indivíduo, um sujeito curado, mas, sob um sistema religioso disciplinador, no qual se estabelecem novas relações de forças e sentidos segundo (ORLANDI, 2012, p. 39) e sob a microfísica do poder, “‘verdade’ que está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem, ou seja, ‘regime’ da verdade” (FOUCAULT, 2007b).

Ainda, é possível analisarmos que os templos, pelos discursos efetivados pelas lideranças, ganham uma conotação de clínicas, de centros de apoio aos dependentes, nos quais se prestam toda forma assistencial a um paciente que busca ser curado definitivamente, e assim, concordando com Berger; Luckmann (2012, p.131) vão se constituindo “processos de significação que se referem a realidades diferentes das pertencentes à experiência de vida cotidiana”, logo, como dito por Bourdieu (2004, p. 159) esse “mundo social pode ser dito e construído de diferentes maneiras, de acordo com diferentes princípios de visão e divisão”. Assim, segundo Rivera (2010, p. 18), “evidenciam fenômenos religiosos que, a julgar pela prática do culto, prescindem do recurso à tradição fundadora”.

4 (DES)ARTICULAÇÕES ENTRE AS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS E AS SECULARES

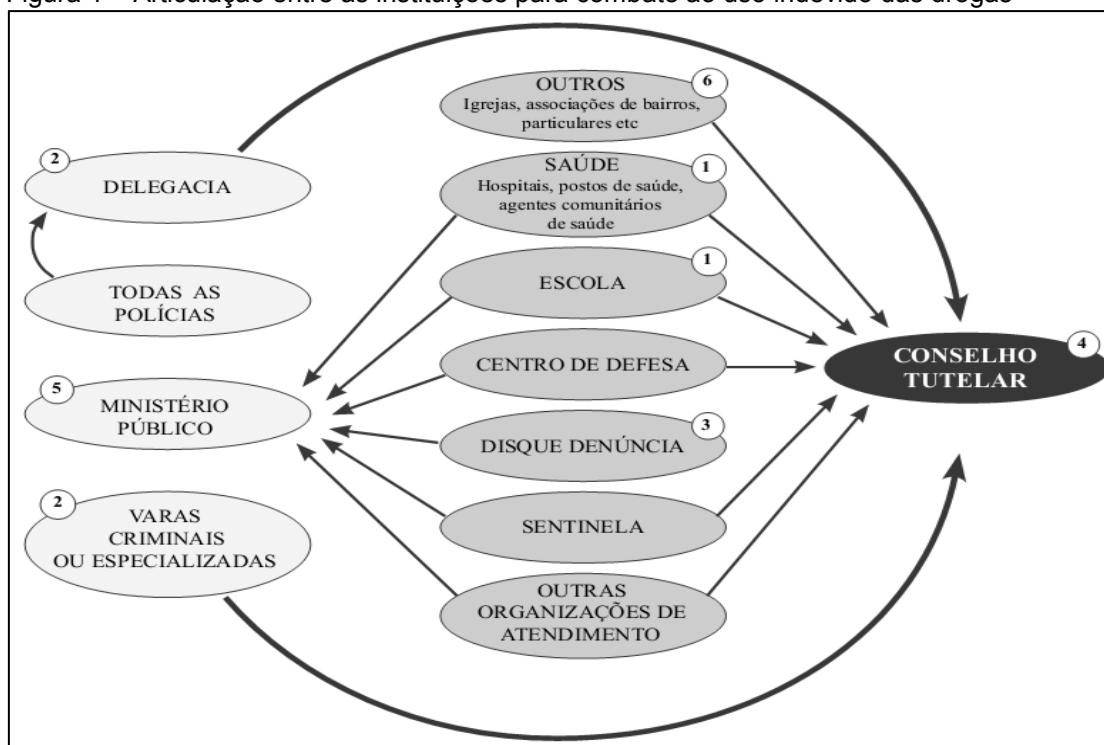
O governo federal tem empreendido esforços políticos para a articulação entre as instituições públicas e privadas, estatais e municipais, seculares e religiosas para o combate do uso das drogas, e aqui entendido como o uso abusivo (dito pesado) das drogas lícitas e ilícitas em geral, embora, para muitos atores sociais isso seja mera formalidade. A partir dessa *biopolítica* (FOUCAULT, 2005, p. 289) a Secretaria Nacional de Políticas sobre as Drogas afirma ter total confiança em conselheiros e lideranças comunitárias que, após uma capacitação proposta pela própria secretaria, poderão ampliar os conhecimentos prévios sobre o assunto e:

atuar de forma a consolidar uma rede ampla e integrada de proteção e garantia de direitos, implementando políticas e ações estratégicas para a prevenção do uso indevido de drogas para toda a população, em especial para nossas crianças, adolescentes e jovens (SENAD, 2011, p.8).

Nota-se, contudo, que existe uma subjetividade por alcançar, materializar ações articuladas nas redes sociais, até mesmo com e pelo uso das redes midiáticas, em sentido de prevenção, com garantias de direitos aos usuários, dependentes e adictos. A lei 11.343/2006 em seus artigos 19º, 22º e 73º trazem explicitamente as diretrizes para essa articulação, e quando possível, um atendimento ao usuário, dependente, com um atendimento de caráter multidisciplinar, inclusive até receber incentivos financeiros governamentais.

Dessa forma, podemos observar na figura abaixo as instituições públicas e privadas que estão envolvidas no combate, apoio e controle ao uso indevido de drogas, as quais são dispositivos por suas funções estratégicas que procuram desempenhar por meio das relações de poder e de saber (AGAMBEN, 2009, p. 29):

Figura 1 – Articulação entre as instituições para combate ao uso indevido das drogas



Fonte: Adaptado de SENAD, 2011.

Nota-se, que as instituições seculares públicas/privadas e também as instituições religiosas se articulam com ênfase para os adultos, enquanto que

escolas e outras organizações de atendimento, conselho tutelar, estão implicitamente focadas nas crianças e jovens, uma vez que, nas faixas etárias menores estão mais suscetíveis ao uso de drogas, principalmente aqueles que estão na rua, longe da família.

Logo, para Senasp (2015, p. 76) somente sob a perspectiva de organização em rede, será capaz de fazer face à complexidade das demandas sociais e fortalecer a rede comunitária. Entretanto, podemos observar nos discursos das lideranças religiosas gravados nos programas televisivos, que há uma dissonância quanto a sua articulação direta com outras instituições seculares nesse processo.

Pois, nos discursos das lideranças abaixo, é possível perceber que existe um descrédito nas instituições seculares quanto aos cuidados e recuperação de dependentes, inclusive, determinadas falas, depoimentos de alguns especialistas, psicólogos, psiquiatras afirmando que o usuário nunca deixará o seu vício, tendo que conviver em constante alerta para a doença são utilizados pelos líderes para justificação implícita desse afastamento. Observe os trechos abaixo:

Você não consegue sair dessa situação, até outro dia disseram pra você que esse vício é uma doença incurável, progressiva e fatal, era uma doença de 3Cs, né, Clínica, Caixão ou Cadeia, e mesmo assim sabendo que era uma doença incurável você, bateu em várias portas, você tentou a cura em muitos lugares e na adiantou. Mas a gente não está apresentando a você mais uma porta, não nós estamos apresentando a porta de saída dos vícios, nós não estamos apresentando a você, mais uma clínica, mais uma internação, mais um medicamento, nós não estamos a você mais uma tentativa, não. Nós estamos apresentando a você a cura dos vícios, não importando o vício que você tem, não importando em que grau esse vício está ou é. [...] eu continuo afirmando que vício tem cura, eu continuo afirmando que você pode sair dessa situação, é claro que só depende de você, só de você! Eu recebo e-mails, recados, no face, whatsapp, de pessoas dizendo assim, ora por mim, ora por meu familiar, me ajuda em oração! (Bp. Rogério Formigoni, discurso extraído do programa gravado 17.04.2015, grifo nosso). [...]

ter buscado ajuda, e ouvido de todos os tratamentos que o teu vício não tem cura, que você teria que aprende a conviver com ele, a controlá-lo, a dominá-lo, [...] Nós temos provado que vicio tem cura! [...] o método que nós usamos nesse tratamento, método de fé, que é o único que arranca o espírito do vício, não adianta, você precisa intende que o vício é um espírito e esse espírito não vai sai com medicamentos, com internações, com grupos de auto-ajuda não vai, só vai sendo arrancado, e nós temos o método de fé que arranca o espírito de vício e junto com ele a vontade, a fissura, o desejo, abstinência, o nervosismo, aquela personalidade [...]; o que causa isso é o espírito, enquanto você não tomar a atitude de vir ao tratamento pra arrancar isso, isso vai continua, essa é a realidade. Essa é a realidade dos tratamentos aí fora, realidade da medicina, é a visão da medicina, da psiquiatria, então se você depende deles, você vai então ter aí como

alternativa, como eles mesmos afirmam que o vício é uma doença de 3Cs (cadeia, clínica ou cemitério) é isso que você vai te como alternativa, cadeia, clínica ou cemitério! Mas querendo a cura venha ao tratamento amanhã aqui na João Dias [...]; o vício está em todos os lugares e o método pra acaba com ele é um só, não tem outro, e não há medicina no mundo, não há tratamento no mundo que consiga tira o desejo, a fissura, tira u...u... o desejo incontrolável pelo uso da droga, da substância seja qual for o vício, mas você tem aqui em São Paulo, aqui na João Dias 1800 a oportunidade, você que mora aqui em São Paulo a cura tá perto de você! (Pr. Claudio Lana, extraído do programa gravado 25.04.2015, grifo nosso). **Não tem clínica de reabilitação, não tem psiquiatra, não tem profissional, terapeuta não existe ninguém que possa chega e fala o seguinte: vícios tem cura e eu provo que vícios tem cura! Não tem ninguém que prove, nós estamos provando que vícios tem cura!** (Bp. Rogério Formigoni, discurso extraído do programa gravado 26.04.2015, grifo nosso).

Nota-se que aí existe um “modelo neopentecostal de gestão racionalizada e flexível de ofertas mágico-utilitárias para problemas sociais e pessoais de todo tipo” (CORTÊS, 2013, p.02). E mais, juntamente com a extirpação do espírito maligno que é o vício, outros problemas seriam solucionados, trazendo o restabelecimento da saúde física, reestruturação familiar, retorno ao trabalho, pagamento das dívidas, abandono de ilicitudes, coisas que aconteceram para aqueles que se dispuserem a fazer o tratamento, algo em comum, já constatado em pesquisas²⁹. Além disso, para Foucault (2005, p.21) “o poder essencialmente é o que reprime. É o que reprime a natureza, os instintos, uma classe, [os] indivíduos”, dessa forma, tem-se o poder religioso impondo aos indivíduos outros comportamentos sociais.

Ainda, há o uso de vários depoimentos de “ex-usuários” desabonando as práticas terapêuticas das clínicas de recuperação, críticas quanto à atuação das polícias estaduais ao combate e o controle das drogas, que por sua vez não conseguem resolver efetivamente, extirpar esse problema da sociedade. Esses são veiculados nos programas, como subsídios para os discursos das lideranças.

Nisto, conforme Ducher; Oliveira (1994, p. 138) qualquer “discurso que enfoca questões sociais pode, conforme os seus efeitos de sentido, transformar ou manipular as representações coletivas com a finalidade de manter certas estruturas de poder; da mesma forma, pode modificá-las, visando à superação dessas mesmas estruturas”.

²⁹ Observações realizadas por Mariana Cortês, mas, que torna-se lugar comum nos discursos analisados.

Outro detalhe que também analisamos nos discursos, é a disciplina a ser seguida prescrita pela liderança. Os (ex)dependentes ou seus familiares que os representam, devem frequentar as reuniões para se curarem ou se manterem curados, uma vez que, é reafirmado constantemente nos programas televisivos, que somente assistindo os programas não se obtém a cura, isso somente ocorrerá frequentando as reuniões nos templos.

Dessa maneira, temos uma religiosidade na atualidade que parece ser pautada em “uma religião para causas localizadas, reparos específicos” (PRANDI, 1996, p.77). Embora, as lideranças afirmem que todo o trabalho espiritual (unções e tratamentos) sejam gratuitos, aventamos a possibilidade de doações por parte daqueles quem recebe algum tipo de benefício, porém, não é possível comprovarmos isso em nossas análises, o que exigiria uma observação propriamente dita em reuniões.

Trivial em todos os discursos são as trajetórias biográficas dos sujeitos. As trajetórias são marcadas em algum instante de suas vidas pela precariedade social como já constatado por (CORTÊS, 2013, p.01), abrindo dessa maneira, oportunidades para o mercado de bens simbólicos advindos de pregações e testemunhos como afirma a autora.

5 DROGAS – DE ONDE VEM E QUAL SUA DESTINAÇÃO APÓS OS RITOS?

Como já demonstrado, as práticas religiosas realizadas nas igrejas neopentecostais na recuperação de usuários de drogas, dependentes químicos e viciados em qualquer coisa que lhes tragam prazer, difere-se nítida e completamente daquelas práticas, orientações religiosas das igrejas pentecostais ou protestantes tradicionais. A apresentação das drogas lícitas e ilícitas apresentadas nas reuniões cúlticas nos motiva a refletir de onde essas vêm e a quantidade recepcionada, bem como ocorreria o descarte, a destinação final dessas drogas depois das práticas religiosas, logo após o término das reuniões. Em um dos vários episódios vistos, a liderança afirma que uma pessoa entregou cocaína na igreja para que eles dessem a destinação correta, e novamente estabelece-se um diálogo com uma dita usuária para comprovar que aquilo que ele a apresenta é cocaína, acompanhe os trechos:

- *Isso aqui **uma pessoa entregou pra gente dispensa** e a gente faz o teste, vê se dá vontade. (Bp)*
- *Hum... dá sim senhor!(p)*
- *Ãh...?dá vontade? (Bp)*
- *Dá sim senhor (p)*
- **Sente o cheiro da cocaína (Bp)**
(trecho extraído do diálogo com uma jovem do programa da IURD gravado em 26.04.2015, grifo nosso).
- *Pera aê, **cadê a cocaína que entregaram pra gente joga [fora], antes da gente joga**, vamo faze um teste aqui pra vê se vício tem cura. Vem aqui, sente o cheiro. Vê o quê que é (Bp).*
- **É cocaína!** (p)
- *Você sente o cheiro e dá vontade? (Bp)*
- *A manô dexa eu um tiro aí cara! (p)*
- *Muita vontade? (Bp)*
- *Dá manô! (p)*
- *Muita fissura? (Bp)*
- *Até de vê o bagueio!*
(trecho extraído do diálogo com um rapaz programa da IURD gravado em 16.06.2015, grifo nosso).

Estando caracterizada como cocaína a substância reapresentada aos usuários, esta não pode ser descartada aleatoriamente, por não se tratar de simulacro, e se assim fosse, estaria aí colocado ainda mais em xeque à prática religiosa e a cura dos sujeitos, bem como, a ética e a moral de todos aqueles envolvidos nesses procedimentos.

Embora não exista na lei, um procedimento detalhado para a destinação das drogas recebidas em clínicas, nas igrejas e demais instituições, segundo o art. 69, inc. II e III da lei 11.343/2006, têm-se que em alguns casos a autoridade sanitária precisará ser comunicada, uma vez que, essa deve ser responsável pelas medidas necessárias para a destinação e o ministério público acompanhar todo esse trâmite. O descarte dessas substâncias (por se tratarem de substâncias tóxicas), em vasos sanitários, ou descarte como resíduos domiciliares, podem sim gerar algum tipo de impacto ambiental, caracterizado por uma infração ambiental, portanto, estando sujeitos à lei de crimes ambientais - Lei 9.605/1998.

CONCLUSÃO

As relações que estão estabelecidas ou que vão sendo construídas entre as lideranças religiosas neopentecostais e os usuários, dependentes químicos, psicossociais, adictos, estão pautadas na manipulação e na reapresentação das

drogas lícitas e ilícitas a esses após um ritual, fato que, difere-se, distancia-se das práticas religiosas comuns das outras igrejas pentecostais, inclusive essas últimas consideram a inserção das drogas nas igrejas como “profanações”.

Além disso, o poder simbólico e o biopoder, poderes exercidos pelas lideranças religiosas permeiam todas essas relações, expondo assim, a microfísica do poder teorizada por Foucault.

Não é possível certificar de que o vício é extirpado das pessoas, por isso, temos somente os discursos das lideranças que se embasam, se legitimam nos testemunhos dos ditos “ex-dependentes” que dizem estarem curados, e não deixarão de frequentar as reuniões. Os “ex-adictos” um dia ligados aos vícios, agora se tornam dependentes da religião institucionalizada para se manterem livres dos vícios.

Quanto à hipótese das práticas religiosas se equipararem aos tratamentos clínicos convencionais ou alternativos, nos discursos das lideranças essa se confirma pela submissão a uma disciplina, orientações constantes, retornos em cultos para que haja a manutenção da saúde física e mental, procedimentos que ocorre nas instituições de terapia psicológica e ou clínicas.

No que tange a aproximação, a articulação entre instituições seculares e essas instituições religiosas aparentam ser frágeis, pois, as lideranças das igrejas neopentecostais analisadas, em seus discursos, fazem críticas, com descrédito quanto à atuação das demais instituições não-religiosas que estão envolvidas nessa questão. Para tanto se utilizam os depoimentos dos usuários e dependentes que criticam os órgãos públicos e privados de apoio ao controle e combate às drogas.

Dessa forma, cremos que exista um enfraquecimento das instituições de apoio ao dependente pelas perdas de fronteira e de sentido, e conseqüentemente uma fragilidade nas articulações entre as instituições religiosas e demais instituições seculares direcionadas a essas questões, o que de certa forma, contribui para a não implementação da política pública de maneira plena por toda a sociedade.

Embora, os testemunhos dos “ex-usuários”, “ex-dependentes” e “ex-adictos” afirmem a cura em público, tais afirmações parecem não ser suficientes para a eficácia do ritual, e assim, somente com a reapresentação insistente das drogas na frente dos agora “ex” e suas repulsas constantes sobre essas, é que se firmam tais

curas, o que de certa forma, abre-se precedentes para vários questionamentos sobre a ética, a moral, enfim, a construção de cultura existente nessas práticas.

A grande mídia tem sido cada vez mais utilizada por instituições religiosas neopentecostais embasadas em um direito constitucional³⁰ que por sua vez, tem a responsabilidade na exposição dos conteúdos nos espaços televisivos alugados, logo, é possível observar que existe uma busca constante pela fixação de fiéis através dessas programações, e as práticas religiosas podem sim, serem comparadas a uma estratégia de marketing, uma publicidade religiosa nesse sentido, pelo poder e persuasão que esses apresentam entre seus fiéis.

Embora seja possível o enquadramento dessas instituições nas políticas públicas de apoio e combate as drogas, faz-se necessário uma maior atenção por parte das autoridades de saúde sobre os resultados ali comprovados, atentando para tais práticas e até inserção (se possível) dessas nos programas de tratamentos convencionais para que exista no humano equilíbrio entre os quocientes intelectual, emocional e espiritual segundo (CAMPOS, 2005, p. 122).

E mais, uma atenção por parte das autoridades da segurança pública quanto aos procedimentos de descarte das drogas recebidas nessas instituições, uma vez que, o descarte aleatório é algo preocupante, pois, nos discursos não reconhecemos nenhum procedimento que esteja de acordo com as diretrizes da Lei 11.343/2006. Logo, torna-se essencial refletirmos sobre quais são as contribuições efetivas dessas instituições neopentecostais no que tange as políticas públicas sobre drogas, o que exige uma abordagem mais profunda sobre o assunto.

Enfim, torna-se inevitável o resgate do pensamento clássico marxista de que a religião é o ópio do povo.

³⁰ No artigo 220 da CF/88, coloca a manifestação do pensamento, da criação, a expressão e a informação, sobre qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição. No artigo 221, inciso IV, preconiza que a produção e programação respeitarão aos valores éticos e sociais da pessoa e família.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o Contemporâneo? E outros ensaios**. [Trad. Vinícius Nicastro Honesko]. Chapecó-SC: Argos, 2009. p. 25-76.

BAUMANN, Zygmunt. Individualidade. In: _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a. p. 64-230.

_____. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b. p. 06-20.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. [Trad. Edgar Orth]. Petrópolis - RJ: Vozes, 2004.

_____. **A construção social da realidade**. 26.ed. [trad. Floriano de Souza Fernandes]. Petrópolis - RJ: Vozes, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. [Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Montero]. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 149-168.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p. 7-16.

BOTELHO, João Bosco. **Do comunismo à droga**: o verde como nova ordem de coesão social. Disponível em: <<http://www.historiadamedicina.med.br/?p=640&print=pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 5 de Outubro de 1988. 18ª ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

_____. **Lei nº 11.343**, de 23 de Agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. Disponível em: <<http://legislação.planalto.gov.br/legisla/legislacao>> Acesso em: 05.04.2015.

BUCHER, Richard; OLIVEIRA, Sandra R.M. O discurso do “combate às drogas” e suas ideologias. São Paulo. **Saúde Pública**. n. 28, p. 137-145, mar. 1994.

CAMPOS, Benedito Roque da Silveira. **Educação Preventiva Integral (EPI)**: perspectivas. 3.ed. São Paulo: BRS Campos, 2005. (Coleção Argo).

CORTÊS, Mariana. **O mercado pentecostal de pregações e testemunhos**: formas de gestão do sofrimento na periferia. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=8486&Itemid=429> Acesso em: 22 abr. 2015.

CROZERA, Luiz Carlos. **Dependência Química X Hipnose Condicionativa**. Disponível em: <www.institutohipnologia.com.br> Acesso em: 05 abr. 2015.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. [Trad. Maria Ermantina Galvão]. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2007a, p. 117-192.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2007b.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MAGNO, Luiz Carlos Freitas. **Prevenção às Drogas: “Acredite, você pode vencer”**. 3.ed. São Paulo: Empresa Jornalística RJR, 2006.

MARICATO, Ermínia. MetrÓpole, legislação e desigualdade. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 17, n. 48, p. 151-167, mai./ago. 2003.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 10.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PASSOS, João Décio. **Pentecostais: origens e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Temas de Ensino Religioso).

POPULAÇÃO de rua aumenta em 10%; grupo é criado para evitar morte no frio. Disponível em: <www.g1.com.br> Acesso em: 13 maio 2015.

PRANDI, Reginaldo. Religião Paga, Conversão e Serviço. São Paulo. **Novos Estudos**. n.4, p.65-77, jul./1996.

RAMOS, Sílvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Disponível em: <www.sedh.gov.br>. Acesso em: 04 abr. 2015.

RIVERA, Paulo Barrera. **Tradição, transmissão e emoção religiosa: sociologia do protestantismo contemporâneo na América Latina**. São Paulo: Olho d'água. 2010.

RODRIGUES, João Gaspar. **Tóxicos: abordagem crítica da lei nº 6.368/76**. 1.ed. Campinas-SP: Bookseller, 2001.

[SEADE] Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. **Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (versão 2010)**. Disponível em: <www.iprsipvs.seade.gov.br> Acesso em 27 abr. 2015.

[SENAD] SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE AS DROGAS - MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Prevenção ao uso indevido de drogas**: capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias. 4.ed. Brasília-DF: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD, 2011.

[SENASP] SECRETARIA NACIONAL DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Curso Fé na Prevenção**: prevenção no uso de drogas em instituições religiosas e movimentos afins. 3.ed. Brasília: Senasp, 2015.

Artigo recebido em: 11/09/2015

Artigo aprovado em: 09/03/2016